

ANTÓNIO PATRÍCIO

O F I M

P E D R O O C R U



O FIM

PEDRO O CRU

© ASSÍRIO & ALVIM
COOPERATIVA EDITORA E LIVREIRA, CRL
RUA PASSOS MANUEL, 67-B — 1100 LISBOA

EDIÇÃO 304, EM DEZEMBRO DE 1990

DEPÓSITO LEGAL N.º 34013/90

ISBN 972-37-0287-8

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GUIDE - ARTES GRÁFICAS, LDA.

ANTÓNIO PATRÍCIO

O F I M

P E D R O O C R U

P E D R O O C R U

drama em 4 actos

ATÉ AO FIM DO MUNDO

(Na rosácea do túmulo de D. Pedro, em Alcobaça)

DRAMATIS PERSONÆ

PEDRO O CRU, REI DE PORTUGAL
O INFANTE D. JOÃO, SEU FILHO
AFONSO MADEIRA, ESCUDEIRO VALIDO
PÊRO COELHO
ÁLVARO GONÇALVES
MARTIM, O BOBO
UM PASTOR VELHO
UM ESCUDEIRO
O CORREGEDOR
O ASTRÓLOGO
O BISPO DE COIMBRA
O BISPO DA GUARDA
O PRIOR DE ALCobaça
O FRADE VELHO
MESTRE ANTÓNIO, O IMAGINÁRIO
A ABADESSA DE SANTA CLARA DE COIMBRA
PRIMEIRA FREIRA
SEGUNDA FREIRA
A IRMÃ PORTEIRA
A FREIRA VELHA

*Fidalgos e donas, pajens arautos, frades e freiras,
mendigos, moços de monte, etc.*

*O primeiro acto e o segundo em Coimbra,
o terceiro numa aldeia entre Coimbra e Alcobaça,
o quarto, em Alcobaça.*

Século XIV

ACTO PRIMEIRO

O Paço de Coimbra. Noite. Uma sala de abóbada alta e fria. As tapeçarias das paredes estão comidas de sol, em gamas mortas. Ao fundo, duas janelas de poiais de pedra. Os vitrais dormitam na penumbra. A lareira sem lume, entre as janelas, tem ramos frescos de choupo e de salgueiro, que só podem aquecer num serão de almas. De cada lado, em argolas de ferro, arde um tocheiro. À esquerda, uma porta exterior, larga e baixa. À direita, uma porta interior. A sala não tem móveis: uma nudez de desconforto, lúgubre. Só ao pé da lareira há um escano rude, e esquecida no chão, uma viola.

Na cena, um instante em silêncio, estão dois pajens.

PRIMEIRO PAJEM

Há mais de uma hora que El-Rei anda na folgança.

SEGUNDO PAJEM

Ouvem-se ao longe, as longas. Ouves? *(Vai à janela. Escuta)* Ainda há pouco, vi reflexos de archotes no Mondego. Agora não se vêem...

PRIMEIRO PAJEM

El-Rei, estas noites, tarda mais, não tem descanso. Baila, baila, e com ele o povo todo. Nunca foi dado ao sono, mas agora parece querer afugentá-lo.

SEGUNDO PAJEM

E logo ao romper de alva, montaria. Toda a corte anda inquieta, estremunhada...

PRIMEIRO PAJEM

Sabes o que se diz?

SEGUNDO PAJEM

Eu sei... eu sei...

PRIMEIRO PAJEM

E será certo?...

SEGUNDO PAJEM

Por o que vejo... Parece... Ainda esta madrugada, foram esculcas por todos os caminhos. A avença com o Rei de Castela...

PRIMEIRO PAJEM, *interrompendo.*

Acreditas então que El-Rei perjure...

SEGUNDO PAJEM

São estes os rumores. Eu por mim...

PRIMEIRO PAJEM

Eu não. Não posso crer. El-Rei jurou, ainda infante, perdoar-lhes. Ouves bem? Jurou, jurou a seu pai, ao Rei Afonso.

SEGUNDO PAJEM

— Shut! Shut!... Eu por mim, não sei, não digo nada...

Vai espreitar às janelas, o outro segue-o.

SEGUNDO PAJEM

Já não vejo os archotes...

PRIMEIRO PAJEM

Nem eu.

SEGUNDO PAJEM, *depois de uma pausa.*

Onde irá agora a folgança?... Ouves?...

PRIMEIRO PAJEM

Eu não ouço nada.

SEGUNDO PAJEM, *mais baixo.*

El-Rei é pai. Todo o povo o diz. El-Rei é pai... Mas já viste alguma vez que perdoasse?... A quem, vá, dize, a quem?...

PRIMEIRO PAJEM

El-Rei é bom, mas justiceiro.

SEGUNDO PAJEM

El-Rei é pai, mas duro no castigo. Vê tu o bispo, por dormir com uma mulher casada. Quando El-Rei soube, mandou-o chamar, fechou-se com ele numa câmara, e ali mesmo o desvestiu e açoitou, forçando-o a confessar o malefício.

PRIMEIRO PAJEM

Foi justo, acho eu, foi de justiça.

SEGUNDO PAJEM

E acreditas que El-Rei, El-Rei que é assim com grandes e pequenos, vá perdoar aos matadores de Inês de Castro, daquela que ele amou como nenhuma...

PRIMEIRO PAJEM

Se jurou a seu pai... Que queres que faça?...

SEGUNDO PAJEM

Pouco durará quem o não vir.

PRIMEIRO PAJEM

Sou eu que não duro se esta vida continua. El-Rei gostou sempre de andar de paço em paço. Mas agora é de mais. Não pára nunca. E estas salas, não sei que têm, põem-me tristonho. Quase todas vazias, sem conchego. Nem ali na lareira há boa lenha. (*Apontando*) Vês?... Ramos de choupo e de salgueiro, cortados de manhã, ainda com folhas... Que quer isto dizer? Tu sabes?... E a viola de Afonso ali no chão... (*Outro tom*) Se me deixassem!... Queria dormir, dormir dias sem conto.

SEGUNDO PAJEM

E logo ao romper de alva, montaria...

Ouvem-se distintamente as longas, num sonido de prata e de saudade.

PRIMEIRO PAJEM

Ouves as longas? É ele. Vem já perto.

SEGUNDO PAJEM, *entrando a correr pela direita.*

Lá vêm, lá vêm. Vêm a descer a rua, El-Rei à frente. Baila de roda, baila, baila sempre...

Ouvem-se de novo as longas. Vão a correr às janelas. Reflexos de arcos acordam os vitrais. Vozearia.

VOZES, *fora.*

Viva El-Rei! Viva El-Rei! El-Rei é pai.

A VOZ DE PEDRO

Que entrem! Bailei sem descansar. Não pude ouvi-los.

Pela direita, entram dois pajens com archotes; e entre gente da corte abrindo alas, Pedro, Afonso Madeira, turba vária: moços de monte e pastores, mendigos mesmo. Pedro é alto e ruivo, espadaúdo - uma esvelteza forte de monteiro. Tem uma barba «de rio», acobreada, feições afiladas, em arestas, e nos olhos castanhos, muito claros, o olhar ou é vago, quase de aura, ou é dominador, de juiz e rei. Traz suspenso da cinta um azorrague. Deixa-se cair no escano, extenuado.

PEDRO, *olhando em torno.*

É tarde. Vá! Quem quer justiça?

UM VELHO. *É um pastor, vestido de estamemha esfarrapada.*

Eu, meu senhor.

Cai aos pés de Pedro, de joelhos.

PEDRO

Que tens tu? Estás meio morto de cansaço, velho.

O VELHO

Vim também na folgança, meu senhor, e ia sempre a bailar com a morte na alma. Mas como vós me ouvis, estou já contente.

PEDRO

Levanta-te e dize. Conta ao que vieste.

O VELHO, *aos haustos, como se a comoção o estrangulasse.*

Já, meu senhor. Pois foi assim. Eu era cabreiro. Vivía no monte com a minha filha e as minhas cabras. Passávamos por lá o ano todo. Vivíamos com